

**A TERRA PROMETIDA: UMA METÁFORA DESLOCADA**

*José Severino da Silva* (UNIGRANRIO)

[cap.prof\\_jose@yahoo.com.br](mailto:cap.prof_jose@yahoo.com.br)

*Idemburgo Pereira Frazão Félix* (UNIGRANRIO)

[professorifrazao@uol.com.br](mailto:professorifrazao@uol.com.br)

*Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima* (UNIGRANRIO)

**1. Considerações iniciais**

Não falo aqui de uma diáspora hebraica, mas de uma diáspora interna, de um deslocamento migratório dentro do próprio território, estes sujeitos sofreram outras angustias e tristezas, neste caso, não foi escravido tampouco perseguição, foi a fome, a seca, a miséria. A este deslocamento dou o nome de diáspora nordestina. Muitos se deslocam em busca de uma terra fértil, abundante e produtiva e neste lugar se aporta descarregando sonhos, promessas, tristezas, esperanças que por muito tempo alimentou suas entranhas, ambições básicas de sobrevivência. Este lugar, longe de tudo, de suas raízes culturais do seu “locus” com o passar do tempo vai moldando, se ajustando, lapidando e formatando este sujeito ora forasteiro, ora andarilho, ora navegante, ora migrante, ora nordestino, ora parte integrante desta metáfora deslocada. A terra, o campo ou a roça é o lugar da plantação, da colheita e da conservação que produz e reproduz cultura. Essa terra traçada, rebolida, mexida, depois de semeada e cultivada é responsável pela disseminação de produtos culturais que circulam regiões e territórios aonde a diversidade cultural ainda não chegou efetivamente, mas com o passar do tempo ela se torna parte integrante da culinária local e da própria cultura material e simbólica. Essa “terra é prometida” quando se torna possível o sucesso da colheita no final de cada rotação e quando isso não acontece, os sertanejos buscam uma Nova Canaã a “terra prometida” onde ‘há leite e mel’. “Se o Senhor nos for propício, introduzir-nos-á nela e no-la dará; é uma terra onde corre leite e mel” (Nm 14:8). A expressão “terra onde corre leite e mel” quer dizer um local fértil, rico, abençoado e abundante em alimentos e oportunidades. Os nordestinos que não deixam sua gente, sua terra, sua cultura, apenas se deslocam em busca de oportunidades, não são forasteiros, pois não estão fugindo de ninguém, apenas da fome, da seca, da sede e da pobreza, estes são, migrantes.

Apesar do crescimento industrial e comercial que vem transformando o nordeste brasileiro, a partir do início da última década deste sé-

culo, o processo migratório ainda se dar por conta de questões não resolvidas, e uma delas é o processo de desertificação que a cada ano vem aumentando. Este fenômeno vem contribuindo para que parte dos moradores do agreste e do sertão nordestino deixem suas casas e se desloquem para a região sudeste onde já se encontram amigos e familiares migrantes.

## 2. *O pau de arara*

Este termo “*pau de arara*” tem vários significados, dentre eles

[...] o pau de arara era uma estrutura metálica desmontável, [...] constituído de dois triângulos de tubo galvanizado em que um dos vértices possuía duas meias-luas em que eram apoiados e que, por sua vez, era introduzida debaixo de seus joelhos e entre as suas mãos que eram amarradas e levadas até os joelhos.<sup>51</sup>

O pau de arara também tem sua origem no costume de se amarrar aves, para a venda nas feiras livres, numa vara, onde elas ficam penduradas para o transporte, prática muito utilizada também no comércio ambulante no interior do nordeste. Mas neste caso, o pau de arara representa um caminhão com uma carroceria de madeira usada como transporte pessoal, muito utilizado ainda hoje na área rural transportando alimento e pessoas para as feiras.

Mesmo em plena globalização onde os meios de transporte são mais rápidos, o sofrimento de quem deixa sua terra e seus familiares ainda é muito visível. A tristeza de deixar para trás tudo o que construiu ao longo da vida continua marcando este sertanejo ora nordestino ora sudestino. A memória é resgatada e guardada a sete chaves, a poesia alimenta sua alma, o cordel preserva sua história, o trabalho é o seu principal lema e seu maior sonho é um dia voltar ao seu torrão. Veja a letra da música o último pau de arara de abaixo:

---

<sup>51</sup> José Milton Ferreira de Almeida, 31 anos, engenheiro, Rio; auto de qualificação e interrogatório, 1976: BNM nº 43, V. 2º, p.421 a 430. Retirado do livro Brasil: Nunca Mais / Cardeal Arns, 1986.

**Último pau de arara***(Fagner)*

A vida aqui só é ruim  
 Quando não chove no chão  
 Mas se chover dá de tudo  
 Fartura tem de montão.

Tomara que chova logo  
 Tomara, meu Deus, tomara  
 Só deixo o meu Cariri  
 No último pau de arara  
 Só deixo o meu Cariri  
 No último pau de arara.

Enquanto a minha vaquinha  
 Tiver o couro e o osso  
 E puder com o chocalho  
 Pendurado no pescoço

Vou ficando por aqui  
 Que Deus do céu me ajude  
 Quem sai da terra natal  
 Em outro canto não para  
 Só deixo o meu Cariri  
 No último pau de arara  
 Só deixo o meu Cariri  
 No último pau de arara

Estes migrantes buscam na fé a resistência para não ter que deixar sua história, seus hábitos e seus costumes. “*Tomara que chova logo / Tomara, meu Deus, tomara*” esta frase representa um pedido, um grito, um socorro, pois já há mais forças e condições para suportar a dor de ver o pouco que se tem se perder. A questão climática tem sido ao longo das últimas décadas responsável por tantos deslocamentos, a ausência do Estado e de políticas pública tem também contribuído e massacrado o povo do agreste e do sertão nordestino. Nos versos “*Só deixo o meu Cariri / No último pau de arara*” a resistência está presente, pois é esta característica é muito e tem freado ainda mais o deslocamento em direção as grandes cidades.

A resistência física e a fé do povo nordestino é uma marca. Desistir não é uma tarefa fácil, o nordestino transita na pós-modernidade sofrendo esse mal-estar sem perceber que ao passar por um processo difícil e sofrido permite também que parte de sua cultura e tradições sejam disseminadas e agregadas a outras culturas locais e inter-regionais possibilitando o reconhecimento e aceitação de culturas de diferentes num espaço onde a diversidade é muito presente. Essa experiência única também

agregada a sua identidade possibilita ao nordestino um olhar mais crítico a respeito da formação identitária de sua gente, de sua nação ancorada no tripé cultural.

### 3. *A migração*

A migração nordestina em direção ao sudeste data de 1945. Neste período histórico chegam ao Rio de Janeiro em cima dos caminhões chamados, pau de arara, retirantes nordestinos. Aqueles que não desceram para a Baixada Fluminense se aportaram no campo de São Cristóvão, estes migrantes deixaram suas terras, gados, cachorros, gatos, galinhas e parte dos familiares fugindo da seca e da fome que assolava o agreste e o sertão nordestino, em sua maioria vinham para trabalhar na construção civil. Em seu deslocamento trouxe suas manifestações culturais, hábitos, música, culinária, tradições e esperanças de viver dias melhores.

Francisco Barboza Leite é um desses migrantes nordestinos, não refugiado, mas sim, deslocado. O legado deixado por este ora: poeta, artista plástico, cronista, jornalista e cenógrafo têm um valor contributivo e imensurável e representa para a cidade de Duque de Caxias um artista múltiplo diversificado. Este artista contribuiu com suas histórias, nativas, crônicas, telas, ensaios e cordéis, sempre retratando o cotidiano da cidade de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense, como um lugar de possibilidades, de progresso, de encontros e reencontros, resgatando seus valores simbólicos e materiais descrevendo sobre a fauna, a flora, hábitos sociais, do cotidiano da população e do crescimento desta cidade plural em todas as formas, erguida pelos braços de migrantes nordestinos que se aportaram na década de 1940 na cidade do Rio de Janeiro e aos poucos foram descendo para a Baixada. Este migrante deixou um legado histórico não só para a cidade de Duque de Caxias, mas para o Estado do Rio de Janeiro, que hoje reconhece este cearense como um verdadeiro caense.

Francisco Barboza Leite, nordestino, chegar a Baixada Fluminense seus hábitos comerciais foram colocados em práticas e as feiras de ruas passaram a fazer parte do cotidiano da população. A feira assim como: a rodoviária, o aeroporto e a estrada, segundo Augé (1994), o “*não lugar*”, é um espaço rico por conta das influências das culinárias, dos dialetos, das manias, das manifestações étnico culturais entre outras. É um local onde as identidades estão em mobilidades constantes, desconfortá-

veis, sofrendo ao mesmo tempo um mal-estar e agregando valores de outras culturas locais e exteriores. O conceito de lugares e não-lugares é fundamental para a compreensão da sociedade contemporânea que perdeu sua “solidez” (BAUMAN, 2005) e a cada dia agrega valores externos. Nos dias atuais encontrasse o cordel nas feiras livres penduradas ainda nos barbantes. A feira de Duque de Caxias surgiu no início da década de 50, os agricultores que habitavam esta região e os pequenos fabricantes de tecidos e de roupas, todos migrantes nordestinos que foram condicionados a desceram para a Baixada Fluminense durante a reforma urbana da cidade do Rio de Janeiro iniciou esta atividade econômica muito tradicional no nordeste brasileiro que tem como objetivo aumentar a renda familiar usando os excedentes da lavoura e das produções artesanais como fonte de renda. Esta característica muito visível que tem o nordestino como comerciante que vende e que troca alimentos e objetos o aproximam do comerciante (mascate) e do andarilho (migrante). A prática da troca muito presente nas feiras livres também é uma característica do comerciante escambista (escambo) muito praticado durante o processo de ocupação do Brasil do século XVI. Estas práticas são frutos das tradições nordestinas e da representatividade de um povo oriundo do tripé cultural que ainda preserva os costumes e tradicionalidades de um Brasil colonial que de fato, ainda é visualizada como colônia por questões diversas. A preservação das raízes e da nordestinidade são disseminadas no local e no habitat natural como forma de traduzi-las e perpassá-las para as gerações vindouras. Todas estas práticas contribuíram para que a Feira de Duque de Caxias se tornasse um celeiro da cultura.

Pensar em cultura nordestina é transitar na multiplicidade cultural e na diversidade de suas produções artísticas. Este sujeito ao se deslocar também desloca o cordel, a arte, a oralidade, os contos e os mitos existentes nesta cultura construída na fusão das raças que compõem este povo.

Segundo Ecléa Bosi, não adianta pensarmos no que se perdeu durante os deslocamentos, mas o que pode se reconstruir e preservar o que ainda resta das múltiplas raízes, ou seja, como pensar em cultura popular num país de migrantes e num mundo globalizado? O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar [...]. Suas múltiplas raízes se partem. Será que se partem mesmo? A observação de Ecléa Bosi é muito interessante, mas sabemos que a mobilidade social, a perda da liquidez na sociedade contemporânea e comple-

xidade da mesma nos remetem a uma incerteza do que se perdeu e do que se ganhou. Acreditamos que refletir sobre essas questões torna-se fundamental para não recairmos no lugar comum do(a) pesquisador(a) que investiga a literatura de cordel pelo viés do resgate, em que o “povo é ‘resgatado’, mas não conhecido” (CANCLINI, 1998, p. 210). Canclini retrata o deslocamento migratório e suas implicações a respeito das raízes culturais enquanto sua preservação e ou mobilidade. Segundo Gutemberg Cardoso dos Santos, secretário de Cultura do município, ‘Duque de Caxias é como se fosse um pedacinho do nordeste’. A cidade de Duque de Caxias é de fato uma cidade de nordestinos. Em sua formação, a participação do migrante na construção desta cidade foi imprescindível. Vale ressaltar, o valor deste povo cordial, (emocional) trabalhador e honesto que ao deixar o seu ‘locus’ busca construir um novo, com a esperança de um breve retorno a sua casa, embora dure quase a sua vida, o desejo do retorno permanece.

Nos dias atuais, estes migrantes representam não mais o trabalho braçal, ou o comerciante ambulante, estes representam um grupo social diversificado em suas qualificações profissionais, atuando na televisão, no cinema, no teatro, na música, na poesia e nas academias. Buscam no sudeste uma alternativa e oportunidade de mostrar seus talentos e suas habilidades, muitos destes transitam em busca manifestações identitárias de sua gente, seus hábitos alimentícios, músicas, danças, artesanatos e coisas simples como uma prosa resgatando suas “memórias individuais e coletivas” (HALBWACHS, 2004), que os levam a lembrar de sua terra natal, do temperado, da carne de sol, do aipim, da manteiga de garrafa, da rabada, buchada de bode, da feijoada, do queijo de coalho, do feijão de corda, da cachaça nordestina, do doce de garrafa e das garrafadas.

Nos dias atuais, não só nordestinos frequentam as Feiras livres para matar saudades e preservar parte de suas manifestações, como também cariocas e turistas de todo o país. Todos estes sujeitos ao resgatar esta memória se emocionam e renovam suas forças ao ouvir um sotaque ou até mesmo uma música. “A migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnicas ou culturalmente ‘mistas’” (HALL, 2008, p. 52). O movimento migratório quase sempre é carregado de emoções por causa das perdas materiais, distanciamento dos familiares entre outros e quando estas memórias são acionadas a carga emocional fica muito visível no sujeito.

#### **4. A terra prometida**

A busca pela terra prometida começou com os hebreus na Antiguidade. Nos dias atuais esta busca ainda persiste, os deslocamentos continuam, a busca pelo sucesso, por condições de vida, por oportunidades tem provocado ao longo da história a migração e a imigração. Vejamos o conceito de diáspora. *Diáspora judaica* (no hebraico *tefutzah*, "dispersado", ou גלות *galut* "exílio") refere-se aos judeus espalhados pelo mundo e da consequente formação das comunidades judaicas fora do que hoje é conhecido como território de Israel (por dois mil anos).

Sabe-se que, diáspora pode significar a dispersão de qualquer povo pelo mundo. Entretanto o termo foi criado para designar o que hoje nos chamamos de migração. A diáspora não pode ser analisada fora de contextos sociais ou históricos definidos. Seja no Império Romano, seja no mundo grego, no mundo judeu e/ou no período pós-guerra, a diáspora assume contornos e organizações diferentes de acordo com suas complexidades e dimensões locais e globais.

Na perspectiva de Hall, o termo se presta a dar conta especialmente dos fenômenos relativos a migrações humanas dos ex-países coloniais para as antigas metrópoles. Para o teórico, "o conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "outro" e de uma oposição rígida entre o de dentro e o de fora. Neste trabalho, especificamente, destaco uma migração interna, um deslocamento regional apoiada numa concepção humanitária e de sobrevivência.

#### **5. Considerações finais**

Os estados da região nordeste do Brasil são considerados os mais carentes, principalmente em termos econômicos e sociais. Com seca ou sem seca, o nordeste continua sendo a região mais pobre do país. Sabe-se que essa pobreza tem causas históricas, climáticas e naturais. A decadência das atividades econômicas desta região é resultante da seca que há décadas vem contribuindo para desvalorização das terras e o aumento da pobreza dos nordestinos. Em virtude dos fatos mencionados, ocorreu o início do processo migratório (êxodo rural) em direção ao Sudeste do país que vem aumentando desde a década de 50. A falta de investimentos por parte dos empresários, a falta de ações sociais por parte do poder pú-

blico também tem contribuído para que busquem em outras regiões mais dignidade e oportunidades de trabalho.

A região Sudeste, foi a que mais recebeu migrantes nordestinos nas últimas décadas, esse deslocamento foi possível devido ao crescimento urbano, à modernização da cidade do Rio de Janeiro e o avanço industrial. Grande parte destes migrantes alocou-se nas periferias, contribuindo para o crescimento populacional e econômico dessa região.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad.: Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, H. K. Como o novo entra no mundo. O espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provações da tradução cultural. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 292-325, 2003.

*BÍBLIA Sagrada*. 179. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2008.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 16-41.

GARCIA, Canclini N. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp. 1998, p. 17-66 e 284-372.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 24, ano 1982, p. 68-75. Rio de Janeiro, 1996.

José Milton Ferreira de Almeida, 31 anos, engenheiro, Rio; auto de qualificação e interrogatório, 1976: BNM nº 43, V. 2º, p. 421 a 430. Retirado do livro Brasil: Nunca Mais / Cardeal Arns, 1986.